

**“Com grandes poderes vêm grandes responsabilidades”:
a influência midiática no caso Klara Castanho à luz da cultura pop**

***“With great power comes great responsibility”:
media influence in the Klara Castanho case, a pop culture perspective***

Anderson A. da ROCHA¹
Maria Eduarda T. da CRUZ²

Resumo

Esta pesquisa examina a espetacularização midiática de eventos traumáticos a partir do caso Klara Castanho (2022), analisando como a cobertura jornalística transformou em narrativa pública sensacionalista uma situação privada e delicada — estupro e posterior entrega de uma criança à adoção. Com base em Edgar Morin, Guy Debord e Christopher Knowles, discute-se a produção de mitos modernos e a modelagem de percepções pelo jornalismo. A máxima “com grandes poderes vêm grandes responsabilidades” sintetiza o argumento ético: a mídia, dado seu alcance, deve atuar com prudência e sensibilidade. O estudo de caso mobiliza a carta da atriz e dados secundários (reportagens e artigos) para refletir sobre limites da exposição e responsabilidade da imprensa em contextos de vulnerabilidade.

Palavras-chave: Espetacularização. Ética jornalística. Mídia e responsabilidade.

Abstract

This study examines the media spectacularization of traumatic events through the case of Klara Castanho (2022), analyzing how journalistic coverage transformed a private and delicate situation — rape and the subsequent decision to place a child for adoption — into a sensationalist public narrative. Drawing on Edgar Morin, Guy Debord, and Christopher Knowles, it discusses the production of modern myths and the shaping of perceptions by journalism. The popular maxim “with great power comes great responsibility” synthesizes the ethical argument: the media, given its reach, must act with prudence and sensitivity. The case study uses the actress’s open letter and secondary data (news reports and articles) to reflect on the limits of exposure and on the responsibility of the press in contexts of vulnerability.

Keywords: Spectacularization. Journalistic ethics. Media and responsibility.

¹Doutor em Comunicação. Professor da Universidade do Estado de Minas Gerais.
E-mail: anderson_arochoa@uemg.br

² Graduanda no curso de Jornalismo da Universidade do Estado de Minas Gerais.
E-mail: eumariaeduardatavares@gmail.com

Introdução

A cobertura midiática de eventos delicados e íntimos suscita reflexões sobre o papel da mídia na sociedade contemporânea. O modo como a imprensa retrata tais episódios não apenas informa, mas molda percepções, constrói narrativas e frequentemente transforma fatos em espetáculo. O caso Klara Castanho, em 2022, é emblemático: o vazamento da decisão da atriz de entregar uma criança fruto de abuso sexual para adoção, questão pessoal e sensível, foi amplamente explorado pela mídia e pelas redes sociais, convertendo o privado em espetáculo.

Em junho de 2022, a atriz tornou público que foi vítima de estupro, engravidou e entregou legalmente o bebê para adoção. Não o fez por vontade própria: havia optado pelo sigilo previsto em lei, mas sentiu-se obrigada a se posicionar diante de notícias divulgadas por alguns jornalistas.

Nesse contexto, a frase “com grandes poderes vem grandes responsabilidades”, popularizada pelo herói de quadrinhos Homem-Aranha, dialoga com a concepção do jornalismo como “Quarto Poder”, instância com capacidade de fiscalização e influência social. Ao moldar narrativas e a percepção pública, a mídia assume responsabilidade proporcional. A espetacularização de situações traumáticas pode dessensibilizar o público, transformar a dor alheia em entretenimento e perpetuar estigmas.

Em *A Sociedade do Espetáculo*, Guy Debord (1997) argumenta que, no capitalismo avançado, tudo se converte em espetáculo, com a realidade mediada por imagens: “Toda a vida das sociedades nas quais reinam as condições modernas de produção se anuncia como uma imensa acumulação de espetáculos” (p. 13). Nessa lógica, o jornalismo frequentemente transforma eventos reais em produtos de entretenimento, obscurecendo nuances e complexidades. No caso em análise, isso é evidente: a decisão íntima de entregar um filho para adoção foi explorada de modo sensacionalista para maximizar audiência e engajamento.

Como se espera dos super-heróis popularizados desde os anos 1950 (Rocha, 2024), também se espera do jornalismo que sirva ao interesse público, informe com precisão e considere os impactos de suas reportagens, já que a cobertura irresponsável pode causar danos emocionais, psicológicos e até físicos. O encontro entre a cobertura de situações delicadas e os padrões narrativos da cultura pop é explorado por Christopher Knowles em *Nossos Deuses São Super-Heróis* (2007), ao mostrar que tais figuras,

análogas a deuses antigos, refletem e moldam o imaginário coletivo ao dramatizar poder, justiça e identidade.

Outra abordagem aparece em *Cultura de Massas no Século XX* (2001), Edgar Morin (2001) examina como a indústria cultural espetaculariza o íntimo, convertendo-o em drama público, manipulando percepções e moldando celebridades como figuras míticas.

O caso de Klara Castanho expôs de forma contundente o impacto da mídia na vida privada e evidenciou a necessidade de limites ao poder jornalístico. A máxima “com grandes poderes vêm grandes responsabilidades” sintetiza a urgência de equilibrar influência e respeito à dignidade humana.

Sob a perspectiva de Knowles, o poder midiático, como o dos heróis, pode causar danos quando mal-empregado. Em diálogo com Debord, discute-se como o jornalismo converte intimidades em mercadoria, cria heróis e vilões e obscurece a complexidade humana — com consequências éticas e psicológicas graves.

O objetivo geral desta pesquisa é investigar a cobertura midiática do caso Klara Castanho e o papel da ética jornalística, relacionando o poder de influência da mídia à responsabilidade que deve orientar sua prática, tendo como eixo a máxima citada.

Este artigo adota abordagem qualitativa, centrada na análise de conteúdo e no estudo de caso (Yin, 2010). A singularidade do episódio e sua ampla repercussão midiática e social permitem examinar dilemas éticos e práticas de espetacularização. As fontes primárias incluem a postagem oficial de Klara Castanho, declarações públicas de jornalistas (como Leo Dias e Antônia Fontenelle) e de figuras de apoio (Taís Araújo, Bruno Gagliasso, Maisa). As fontes secundárias abrangem reportagens em veículos tradicionais e digitais e publicações acadêmicas sobre ética jornalística, cultura de massas e espetáculo.

O recorte temporal considera junho de 2022, quando o caso ganhou ampla repercussão, situando-o no contexto social e cultural do Brasil contemporâneo, marcado pela amplificação promovida pelas redes sociais. A discussão crítica examina como a mídia acionou seu “superpoder” de influência para moldar narrativas, negligenciando responsabilidade ética e direitos individuais.

Panorama do caso Klara Castanho

O caso envolvendo a atriz Klara Castanho veio a público em meados de 2022, expondo informações privadas indevidamente vazadas e exploradas pela mídia e por influenciadores digitais. A atriz, então com 21 anos, teve detalhes íntimos de sua vida — relacionados a um estupro e à decisão de entregar o bebê resultante para adoção legal — divulgados sem seu consentimento.

Em 25 de junho de 2022, Klara Castanho usou suas redes sociais para relatar que foi vítima de estupro e, ao descobrir tardiamente a gravidez, decidiu manter a gestação e entregar o bebê para adoção legal por meio do Ministério Público. A postagem ocorreu quando a youtuber Antônia Fontenelle³ e o colunista Leo Dias⁴ já haviam divulgado informações sobre o caso antes de sua manifestação.

O colunista Leonardo Antônio Lima Dias (Rio de Janeiro, 7 de maio de 1975), conhecido como Leo Dias, tornou-se um dos principais nomes do jornalismo de celebridades no Brasil, com furos e polêmicas sobre a vida dos famosos. Jornalista formado em 1996, iniciou a carreira na década de 1990, em jornais como Extra e O Dia e revistas como Contigo e Amiga. Entre 2013 e 2016, atuou na RedeTV! como repórter do TV Fama e, em 2016, migrou para o SBT, onde trabalhou no Fofocalizando até 2019. Em 2019, retornou à RedeTV! como diretor executivo do TV Fama, deixando o cargo em 2020. Depois, foi colunista do portal UOL e, mais tarde, do jornal online Metrôpoles, de onde saiu em maio de 2023. Atualmente, é colunista de seu próprio portal, o Portal Leo Dias, e soma mais de dezessete milhões de seguidores no Instagram.

Outro nome relevante para o caso é Antônia Fontenelle de Britto (Brasília, 19 de abril de 1973), youtuber, atriz e apresentadora brasileira, dona do canal "Na Lata", com mais de dois milhões de inscritos. Atuou no teatro e estreou na TV em Malhação (2009), além de outros trabalhos pontuais na Globo. Em 2012, assinou com a Record para atuar na novela Balacobaco e, nos anos seguintes, passou a se dedicar principalmente ao trabalho como apresentadora, com um canal de entrevistas no YouTube iniciado em 2014.

Em uma carta aberta, Klara descreveu essa experiência como o relato mais difícil de sua vida. A publicação, que consistiu em nove partes, detalhou o processo traumático

³ Youtuber, vlogueira, atriz e apresentadora brasileira.

⁴ É colunista de seu portal, o Portal Leo Dias, seu canal de TV LeoDias TV e ex-apresentador do Fofocalizando.

que vivenciou no início do ano, em um esforço para se defender das notícias falsas que circulavam a seu respeito. Em suas palavras:

Como mulher, eu fui violentada primeiramente por um homem, e agora, sou reiteradamente violentada por tantas outras pessoas que me julgam. Ter que me pronunciar sobre um assunto tão íntimo e doloroso me faz ter que continuar vivendo essa angústia que carrego todos os dias. (Castanho, 2022, sp⁵)

O vazamento da história teve início após uma transmissão ao vivo de Fontenelle, que fez alusões a uma "atriz global de 21 anos", referindo-se a Klara. A youtuber declarou: “Essa menina engravidou, escondeu a gravidez, inclusive trabalhou durante a gravidez, pariu o filho dela e segundo as informações que ele [Leo Dias] tem, pediu para o hospital apagar a entrada dela no hospital e [disse] que nem queria ver o filho. Mandou dar o filho: 'Tira, quero nem ver.’” (UOL,2022, sp)⁶.

O texto de Leo Dias, intitulado “Estupro, gravidez indesejada e adoção: a verdade sobre Klara Castanho⁷” viralizou rapidamente, gerando reações intensas. Em resposta à pressão pública, o colunista acabou deletando a matéria, mas a violência contra Klara havia se iniciado antes da publicação. A atriz tinha o direito de realizar o parto e todo o processo subsequente em sigilo, mas isso não ocorreu.

Klara expressou que se encontrava em um ambiente que deveria protegê-la, mas não obteve a segurança esperada. Ela relatou que, ao chegar ao quarto, já havia mensagens do colunista com informações sobre seu caso. Em um desabafo, afirmou ter conversado com ele, que prometeu não publicar a história.

A carta aberta viralizou rapidamente nas redes sociais, alcançando mais de oito milhões de curtidas no Instagram e quase quinhentas mil curtidas no link via X (antigo Twitter). A postagem recebeu uma onda de apoio público, com diversas personalidades expressando solidariedade à atriz. A manifestação de apoio reforçou o debate sobre os limites éticos do jornalismo e o respeito à privacidade, especialmente em casos tão sensíveis.

⁵ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CfPvGDkuii1/?igsh=azN1N251dHYzYXk2>).

⁶ Disponível em: <https://www.uol.com.br/splash/noticias/2022/09/05/klara-castanho-leo-dias-antonia-fontenelle.htm>).

⁷ Texto já foi excluído das redes sociais por conta da repercussão negativa, segundo o Observatório da Imprensa. Disponível em: <https://www.observatoriodaimprensa.com.br/etica-jornalistica/colunas-de-fofoca-e-a-irresponsabilidade-com-a-vida-privada-leo-dias-e-klara-castanho/>.

Apesar da violência psicológica enfrentada, Klara recebeu apoio de muitos internautas e colegas artistas. Uma seguidora expressou: "Enviamos todo amor e apoio a Klara Castanho nesse momento tão apavorante. São situações como essa que nos fazem ter mais medo a cada dia do que a sociedade está se tornando, principalmente para as mulheres". A atriz Paolla Oliveira, que interpretou a mãe de Klara na novela *Amor à Vida*, de 2013, escreveu no X: "Filhota, vc é mto especial e eu estarei sempre ao seu lado. Vc é maior do que qlqr um ou uma que queira se promover ou promover o ódio com seu nome. Amo vc. Sinta meu abraço. Sinta-se acolhida por tds q te respeitam. É o que importa sempre, focar no respeito, amor e na justiça." A atriz e apresentadora Maisa escreveu: "Te amo para sempre. Estou com você", no X em resposta à Klara. Larissa Manoela comentou: "Que apesar de toda a maldade a gente ainda possa ter o presente de te ver sorri. Todo meu apoio, carinho e amor <3 KLARA!". Esses comentários refletem o apoio público recebido por Klara em meio à repercussão do caso (Revista Caras, 2022. sp⁸).

No dia 27 de junho, o hospital responsável pelo parto emitiu uma nota afirmando que o caso viola seus princípios e a privacidade de seus pacientes. A instituição informou que abriria uma investigação interna para apurar a identidade dos profissionais envolvidos, incluindo a enfermeira mencionada por Klara. O Conselho Federal de Enfermagem (Cofen) e o Conselho Regional de Enfermagem de São Paulo (Coren-SP) anunciaram, no domingo, 26 de junho, que também iniciariam investigações sobre a infração ética cometida pela enfermeira. O Coren manifestou solidariedade à vítima e reafirmou seu compromisso com a ética e segurança no atendimento a pacientes. A instituição ressaltou que seguiria os procedimentos necessários para a devida apuração dos fatos, enfatizando a importância da cautela em todas as denúncias relacionadas ao exercício profissional. Em suas palavras: "O Cofen determinou a apuração da ocorrência e tomará todas as providências que lhe couber para a identificação dos responsáveis pelo vazamento de informações sigilosas pertinentes ao caso" (Cofen, 2022, sp⁹).

O Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro decretou vitória em primeira instância de Klara Castanho em um processo por danos morais contra a apresentadora Antonia Fontenelle no dia 23 de junho de 2023. Antonia terá que pagar uma indenização de R\$

⁸ Disponível em: <https://caras.com.br/atualidades/famosos-apoiam-klara-castanho-apos-relato-emocionante.phtml>.

⁹ Disponível em: Cofen se solidariza com a atriz Klara Castanho e determina apuração do caso - Cofen)

50 mil à Klara¹⁰. A decisão foi proferida pela juíza Flávia Viveiro de Castro, da 2ª Vara Cível da Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro, em processo que corre em segredo judicial.

Mídia, espetáculo e ética no contexto contemporâneo

Para compreender a espetacularização midiática do caso Klara Castanho, é fundamental revisitar conceitos-chave da comunicação, da sociologia e da filosofia, que lançam luz sobre a forma como a mídia opera na sociedade e os dilemas éticos inerentes à sua prática. Desta forma, podemos refletir sobre os fenômenos de espetacularização, construção de narrativas e o papel ético da mídia contemporânea no tratamento de eventos sensíveis, como o caso Klara Castanho. Debord é um pilar para a compreensão da transformação das relações sociais em mercadorias visuais. Para o autor,

O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas mediado por imagens. Toda a vida das sociedades nas quais reinam as condições modernas de produção se anuncia como uma imensa acumulação de espetáculos. Tudo o que era diretamente vivido se esvai na fumaça da representação. (Debord, 1997, p.13-14).

A sociedade contemporânea, segundo o autor, é dominada pela imagem, onde a vida autêntica é substituída pela representação. O espetáculo é o capital em tal grau de acumulação que se torna imagem.

No contexto midiático, o espetáculo manifesta-se na forma como a informação é produzida e consumida. A mídia, ao invés de refletir a realidade, recria-a como uma sucessão de eventos chocantes e dramáticos, aptos ao consumo rápido e superficial. O caso Klara Castanho ilustra essa dinâmica: a dor, o trauma e a complexidade de uma vivência pessoal foram transformados em um roteiro midiático, onde a profundidade dos fatos cedeu lugar à superfície do sensacionalismo e à disputa por cliques e visualizações. A atriz deixou de ser um indivíduo em sofrimento para se tornar um personagem em um drama televisivo ou em um *trending topic* das redes sociais, evidenciando a desumanização promovida pela lógica espetacular.

Debord também aborda a alienação resultante do espetáculo.

¹⁰ Disponível em: <https://www.uol.com.br/splash/noticias/2023/06/23/klara-castanho-antonia-fontenelle.amp.htm>

A alienação do espectador em proveito do objeto contemplado (que é o resultado de sua própria atividade inconsciente) se exprime assim: quanto mais ele contempla, menos vive; quanto mais aceita reconhecer-se nas imagens dominantes da necessidade, menos compreende sua própria existência e seu próprio desejo (Debord, 1997, p.25).

Essa perspectiva é crucial para entender como a mídia, ao cobrir o caso de Klara Castanho, priorizou a espetacularização sobre a ética, tratando um evento íntimo como uma mercadoria capaz de gerar audiência e engajamento.

Morin (2001), analisa como a indústria cultural simplifica, padroniza e massifica narrativas para atender aos anseios de um público vasto e heterogêneo. Morin argumenta que a cultura de massa fabrica mitos e imaginários que preenchem o vazio existencial da vida moderna. A mídia, ao narrar histórias de figuras públicas, as eleva a status de mitos modernos, cujas vidas são exibidas como modelos ou contos de advertência.

Conforme Morin (2001, p.24), “A grande indústria da cultura transforma os indivíduos em consumidores passivos, incapazes de perceber as múltiplas facetas das realidades que consomem. O espetáculo não oferece mais que uma versão simplificada e emocionalmente carregada da realidade.”. O autor ainda confirma esta ideia, argumentando que

a cultura de massas transforma a realidade em um produto de entretenimento. A realidade, em sua complexidade, torna-se algo que pode ser simplificado, estandardizado e, então, consumido pelo grande público. A realidade, em sua essência, deixa de ser vivida de forma autêntica e passa a ser consumida como um produto visual e narrativo, com narrativas simplificadas e emocionalmente envolventes. (Morin, 2001, p.106).

Aqui essa criação de mitos se manifestou na tentativa de transformar a atriz em uma "vítima ideal" ou, por outro lado, em um alvo de julgamento moral, dependendo da narrativa construída. A sua história, complexa e multifacetada, foi reduzida a um roteiro simplificado de sofrimento e superação ou de escândalo, que se encaixava nos padrões de consumo da cultura de massa. A mídia, ao invés de respeitar a privacidade e a complexidade de sua vivência, instrumentalizou sua dor para gerar engajamento, transformando-a em um artefato cultural passível de consumo e debate público generalizado, desprovido de empatia ou profundidade. “A imprensa da cultura de massa abre suas colunas para os fatos variados, isto é, para os acontecimentos contingentes que só se justificam por seu valor emocional.” (Morin, 2001, p.114).

Knowles (2007) traça paralelos entre as narrativas de super-heróis e o papel de figuras públicas e instituições na sociedade, sugerindo que os super-heróis são os deuses da nossa era secular. A mídia, com sua capacidade de moldar a opinião pública e influenciar o comportamento, funciona como um superpoder de herói (ou vilão) de quadrinhos.

Essa abordagem é usada metaforicamente para analisar a mídia como instituição poderosa que, ao definir narrativas, precisa equilibrar poder e responsabilidade. Historicamente, essa função é reconhecida na ideia do Jornalismo como Quarto Poder, conceito atribuído a Edmund Burke no século XVIII, que posiciona a imprensa como força capaz de fiscalizar Executivo, Legislativo e Judiciário, essencial à democracia. Bill Kovach e Tom Rosenstiel (2001) reforçam que a primeira obrigação do jornalismo é para com a verdade, base do exercício desse poder.

Para Bucci, o jornalismo, ao se imaginar um poder sem limites ou um fim em si mesmo, desvirtua sua função de servir à sociedade, e não de se servir dela. Esse “complexo” se manifesta na pretensão de infalibilidade ou de imunidade à crítica, vício que fragiliza o jornalismo contemporâneo, afastando-o de sua necessária humildade diante dos fatos e do público (Bucci, 2000).

A incapacidade da mídia de moderar seu poder, aliada a um possível “Complexo de Super-Homem” que prioriza o “furo” e a “verdade” (mesmo que invada a privacidade) acima da dignidade alheia, resulta em danos sociais e emocionais. Isso se aproxima dos dilemas de heróis fictícios que, ao agir sem cautela, causam consequências imprevistas. A obra de Knowles, assim, oferece leitura crítica da forma como a mídia contemporânea utiliza o “superpoder” de sua influência para criar mitos modernos que refletem dilemas morais e sociais, mas que podem ser deturpados por uma autopercepção equivocada de poder.

Adela Cortina (2005) aborda a ética da responsabilidade, destacando que a moralidade pública exige ética discursiva, em que diálogo e respeito mútuo são fundamentais. Para a autora, a ética não se resume à intenção, mas às consequências, e as instituições, incluindo a mídia, têm responsabilidade social quanto à justiça e à dignidade humana. A atuação midiática no caso Klara Castanho exemplifica essa falha, pois a exposição indevida do trauma da atriz violou sua dignidade e prejudicou o debate público ao deslocar o foco da violência para o espetáculo.

No caso Klara Castanho, a cobertura de veículos que priorizaram o furo e o drama em detrimento da privacidade e da ética corrobora a tese de Bucci sobre a degradação do jornalismo quando este se afasta de seu compromisso público e se rende à lógica de mercado. Para Bucci (2000), o jornalismo deve ser campo de reflexão, e não apenas de transmissão de informações. Ele ressalta que a pretensão de infalibilidade ou de imunidade à crítica — o que poderíamos chamar de “Complexo de Super-Homem” — é um dos vícios que mais fragilizam a imprensa, distanciando-a de sua necessária humildade.

Como afirma Nilson Lage, “é aconselhável que os jornalistas evitem a exposição desnecessária da vida privada das pessoas, principalmente quando a informação não tem interesse público real, mas apenas atende ao sensacionalismo e à curiosidade mórbida” (Lage, 2005, p.100).

A integração desses autores demonstra como a espetacularização do caso Klara Castanho não é um evento isolado, mas um reflexo de tendências mais amplas na mídia contemporânea, que desafiam os pilares éticos e a responsabilidade social do jornalismo, muitas vezes impulsionadas por uma percepção equivocada de seu próprio poder. Como observa Perseu Abramo: “Tudo se passa como se a imprensa se referisse à realidade apenas para apresentar outra realidade, irreal, que é a contrafação da realidade real” (Abramo, 1996, p.23). O Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros também é claro ao estabelecer que “é dever do jornalista respeitar o direito à intimidade, à privacidade, à honra e à imagem das pessoas” (Brasil, 1987).

A espetacularização do trauma

O caso Klara Castanho trouxe à tona um debate sobre ética, responsabilidade e o papel da mídia contemporânea. Em junho de 2022, a atriz revelou ter sido vítima de estupro, engravidado e, por decisão legal e consciente, entregado o bebê para adoção. Apesar de se tratar de um evento extremamente pessoal, essa informação foi exposta publicamente por jornalistas e influenciadores, como Leo Dias e Antônia Fontenelle, gerando comoção, apoio e críticas na sociedade.

O caso rapidamente tomou proporções massivas. A postagem de Klara alcançou mais de oito milhões de curtidas, enquanto celebridades como Taís Araújo, Bruno Gagliasso, Maisa, Giovanna Ewbank e Deborah Secco manifestaram solidariedade.

Diversos veículos de comunicação comentaram o episódio, ampliando o debate sobre os limites do poder midiático. Como o Fantástico (Globo) apontou: “A atriz não queria expor esse episódio, mas sites e redes de fofocas trouxeram não só a história a público, mas também especulações e ataques à atriz” (Fantástico da Rede Globo, 2022).

A realidade vivida é frequentemente substituída por sua representação, transformando eventos pessoais em mercadorias midiáticas. Debord afirma: “O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas mediado por imagens. Toda a vida das sociedades nas quais reinam as condições modernas de produção se anuncia como uma imensa acumulação de espetáculos. Tudo o que era diretamente vivido se esvai na fumaça da representação” (Debord, 1967, p.13-14). No caso de Klara, a mídia transformou um evento doloroso e íntimo em espetáculo público, promovendo engajamento ao custo de expor a atriz.

A exploração do caso Klara Castanho exemplifica como a mídia se insere nessa lógica espetacular. A vida da atriz deixa de ser um acontecimento pessoal para se tornar objeto de consumo midiático, em que o sofrimento é comercializado em busca de audiência. A divulgação de informações sensíveis, sem consentimento, converte um direito à privacidade em produto vendável. Como Debord (1997) elucida: “A alienação do espectador em proveito do objeto contemplado (que é o resultado de sua própria atividade inconsciente) se exprime assim: quanto mais ele contempla, menos vive; quanto mais aceita reconhecer-se nas imagens dominantes da necessidade, menos compreende sua própria existência e seu próprio desejo” (Debord, 1967, p.25-26). Isso se manifesta na forma como o público, ao consumir o espetáculo da dor de Klara, se afasta da complexidade do trauma e da violação de direitos, focando na superfície dramatizada.

Muniz Sodré (2006) complementa essa visão ao falar da midiatização como processo que converte as instâncias da vida social em sentido midiático, exercendo um biopoder. A exposição da vida de Klara e a revelação de um trauma tão íntimo configuram apropriação midiática de seu corpo e de sua experiência, transformando-os em corpus de informação e debate público sem sua permissão.

Edgar Morin explora como a mídia, parte da indústria cultural, utiliza a espetacularização para transformar situações íntimas em dramas públicos, manipulando percepções coletivas e criando símbolos, como os “Olimpianos”, figuras com status

quase divino. Morin (2001, p.24) destaca: “A grande indústria da cultura transforma os indivíduos em consumidores passivos, incapazes de perceber as múltiplas facetas das realidades que consomem.”

No caso Klara Castanho, essa criação de mitos se manifestou na tentativa de transformar a atriz em uma “vítima ideal” ou, por outro lado, em um alvo de julgamento moral, dependendo da narrativa construída. A sua história, complexa e multifacetada, foi reduzida a um roteiro simplificado de sofrimento e superação ou de escândalo, que se encaixava nos padrões de consumo da cultura de massa. A mídia, ao invés de respeitar a privacidade e a complexidade de sua vivência, instrumentalizou sua dor para gerar engajamento, transformando-a em um artefato cultural passível de consumo e debate público generalizado, desprovido de empatia ou profundidade. Morin reforça essa ideia:

A cultura de massas transforma a realidade em um produto de entretenimento. A realidade, em sua complexidade, torna-se algo que pode ser simplificado, estandardizado e, então, consumido pelo grande público. A realidade, em sua essência, deixa de ser vivida de forma autêntica e passa a ser consumida como um produto visual e narrativo, com narrativas simplificadas e emocionalmente envolventes (2001, p.106).

Eugênio Bucci (2000) argumenta que o jornalismo, ao se render a essa lógica, entra em uma crise de identidade, onde a busca por audiência compromete sua função primordial de informar com responsabilidade. A espetacularização, nesse contexto, torna-se um mecanismo de controle social, que simplifica dilemas morais complexos em meros arcos narrativos para o consumo público.

A frase “Com grandes poderes vêm grandes responsabilidades”, popularizada pelos quadrinhos do Homem-Aranha, é o eixo conceitual que liga o poder da mídia à necessidade de uma atuação ética e responsável. Knowles (2007), relaciona o conceito de poder com as responsabilidades éticas de figuras míticas, e essa analogia se estende perfeitamente ao jornalismo. Historicamente, a imprensa é reconhecida como o Quarto Poder, uma instância fundamental para a democracia, com a função de fiscalizar os poderes Executivo, Legislativo e Judiciário e informar os cidadãos para que possam exercer sua soberania. Bill Kovach e Tom Rosenstiel (2001) enfatizam que a primeira obrigação do jornalismo é para com a verdade, pilar que legitima sua atuação como esse “poder” social.

No entanto, essa percepção de um poder quase ilimitado, embora essencial, pode levar a uma distorção perigosa: o que se pode chamar de “Complexo de Super-Homem”

do jornalista. Eugênio Bucci (2000) critica a autopercepção da imprensa que, por vezes, se imagina um poder sem limites ou um fim em si mesmo, desvirtuando sua função de servir à sociedade. A pretensão de infalibilidade, ou de imunidade à crítica -- traços desse "complexo" - fragilizam o jornalismo, afastando-o da humildade necessária diante dos fatos e do público (Bucci, 2000).

No caso Klara Castanho, a mídia abusou de seu “superpoder”, sua capacidade de alcance e de formação de narrativas - ao moldar uma história sensacionalista. A suposta “missão” de trazer a “verdade” a público (ainda que essa verdade fosse uma invasão de privacidade e revitimização) parece ter justificado a negligência do impacto emocional e social sobre a atriz. Essa atuação, pautada em um possível “Complexo de Super-Homem” jornalístico, que se crê acima de escrutínio e com o direito de revelar tudo, resulta em danos sociais e emocionais severos, semelhante aos dilemas enfrentados por heróis fictícios que, ao agirem sem cautela, causam consequências imprevistas. É bom reforçar que a crítica à conduta de parte da imprensa no caso não significa alienar o jornalismo do seu papel fundamental nas sociedades democráticas. Rocha (2024) salienta a importância do jornalismo e da mídia na formação de uma visão coletiva sobre os fatos:

a comunicação de massa se apresenta como grande mediadora das interações sociais, uma forte ferramenta para a formação de identidades. Gramsci destaca o jornalismo como o representante dessa comunicação massiva: “a imprensa é a parte mais dinâmica da estrutura ideológica, [...] tudo o que influi ou pode influir sobre a opinião pública, direta ou indiretamente, faz parte dessa estrutura” (Rocha, 2024, p. 37).

Cortina (2005) reforça que a responsabilidade social da mídia implica respeitar os direitos humanos e promover a justiça, sem se deixar capturar pela lógica de mercado ou pela sedução do espetáculo. A atuação irresponsável dos veículos no caso Klara Castanho viola diretamente esse princípio, pois a ética não é adorno, mas base da legitimidade do jornalismo. Eugênio Bucci (2000) reitera que o jornalismo deve ser um campo de reflexão, e não apenas de transmissão de informações, dimensão ignorada pela cobertura sensacionalista. O desequilíbrio entre poder (incluindo o papel de Quarto Poder) e responsabilidade, agravado pelo “Complexo de Super-Homem” que autoriza a arrogância profissional, gerou sofrimento adicional à vítima e intensificou o ciclo de sensacionalismo característico da lógica descrita por Debord (1997).

A pressão por audiência e engajamento, amplificada pelas redes sociais, frequentemente leva a um jornalismo que abandona sua responsabilidade ética. Rapidez

na divulgação, checagem precária e falta de empatia tornam-se marcas preocupantes, transformando o “poder” da mídia em ferramenta de exposição e julgamento irresponsável. O caso Klara Castanho alerta para a urgência de reavaliar os valores que orientam a prática jornalística contemporânea, lembrando que credibilidade e função social da imprensa dependem de compromisso inabalável com a ética e com a autocrítica sobre seu próprio poder.

Considerações finais

O caso demonstra de forma contundente como a busca incessante por audiência e sensacionalismo pode levar à invasão da privacidade, à revitimização e à desumanização de experiências traumáticas, transformando-as em mercadoria para consumo em massa. Debord, ao criticar a sociedade do espetáculo, mostra como a realidade é substituída por sua representação; a dor real de Klara foi convertida em drama midiático. Edgar Morin, ao discutir a cultura de massas, evidencia como a mídia cria mitos simplificados, aprisionando figuras públicas em narrativas binárias de heróis e vilões, negligenciando a complexidade humana. Knowles (2007), por sua vez, provoca a refletir sobre a ética do “superpoder” da mídia, lembrando que grande influência exige grande responsabilidade.

A premissa “Com grandes poderes vêm grandes responsabilidades” não é apenas uma frase da cultura pop, mas um imperativo ético para o jornalismo. O reconhecimento do jornalismo como Quarto Poder, essencial à democracia, torna ainda mais necessária a autorreflexão e o combate ao “Complexo de Super-Homem”, que pode cegar profissionais para as consequências de suas ações. A mídia detém um poder formidável de influenciar percepções e realidades, o que exige ética rigorosa, respeito à privacidade, sensibilidade à dor alheia e busca por informação de qualidade, livre do sensacionalismo. A espetacularização, como evidenciado no caso Klara Castanho, não apenas viola direitos individuais, mas compromete a credibilidade e a função social do jornalismo.

Para que o jornalismo cumpra sua missão em uma sociedade cada vez mais midiaticizada, é fundamental um compromisso renovado com ética, responsabilidade e empatia. O jornalismo deve ser entendido não apenas como veículo de informação, mas como prática que forma percepções e influencia comportamentos. Somente uma atuação ética, comprometida com a verdade e com os direitos humanos, pode construir uma mídia

que, em vez de explorar o trauma, contribua de forma construtiva e humanizada para o debate público, promovendo uma sociedade mais justa e equilibrada.

Referências

ABRAMO, Perseu. **Padrões de manipulação na grande imprensa**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1996.

BRASIL. **Código de ética dos jornalistas brasileiros**. 1987.

BUCCI, Eugênio. **Sobre ética e imprensa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CASTANHO, Klara. **Carta aberta**. 25 jun. 2022. Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CfPvGDkuii1/?igsh=azN1N251dHYzYXk2>. Acesso em: 10 jun. 2025.

CORTINA, Adela. **Cidadãos do mundo: para uma teoria da cidadania**. Tradução de Sílvio de Almeida. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FOLHA DE S. PAULO. **Manual de redação**. São Paulo: Publifolha, 1984.

KNOWLES, Christopher. **Our gods are dead heroes: the great lie of the new spirituality**. Rochester, Vt.: Inner Traditions, 2007.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo**. Tradução de Celso Nogueira. São Paulo: Geração Editorial, 2001.

LAGE, Nilson. **A Reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo**. Tradução de João Cabral. 9. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

NASSIF, Luís. **O jornalismo dos anos 90**. São Paulo: Futura, 2003.

ROCHA, Anderson A. **Do lambda ao Bazinga! Criações e recriações do universo Nerd**. São Paulo: Editora Dialética, 2024.

UOL. **Antônia Fontenelle sobre Klara em transmissão ao vivo**. 05 set. 2022. Disponível em: <https://www.uol.com.br/splash/noticias/2022/09/05/klara-castanho-leo-dias-antonia-fontenelle.htm>. Acesso em: 10 jun. 2025.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Tradução de Ana Thorell. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.